

Análise linguística das parafasias fonémicas ocorrentes no discurso de um afásico: um estudo de caso

Vera Borralho

Universidade Nova de Lisboa

O presente artigo visa estudar, mediante uma análise linguística, as parafasias fonémicas ocorrentes no discurso de um paciente afásico. Apresenta-se um estudo de caso, com material obtido durante uma consulta realizada com o paciente em questão, tendo sido identificadas vinte parafasias fonémicas, que constituem o objecto de estudo da investigação em curso. Esta tem como objectivos específicos: (i) caracterizar os traços distintivos dos fonemas-alvo, que originaram a parafasia; (ii) caracterizar os contextos fonéticos em que ocorre a parafasia; (iii) averiguar da regularidade de ocorrências noutras contextos e (iv) aferir a relação de semelhança e/ou diferenciação entre os fonemas-alvo escolhidos e os que foram substituídos. Por último, apresentar-se-ão algumas conclusões resultantes da descrição linguística levada a cabo e do seu confronto com o enquadramento teórico delineado.

A afasia não é só uma perturbação neurológica, mas também linguística na medida em que se manifesta por uma perturbação da linguagem que resulta de uma lesão cerebral. As perturbações afásicas, ao incidir nos diferentes níveis de análise linguística – fonológico, morfológico, sintáctico e semântico, suportam a concepção da linguagem enquanto um sistema hierarquizado de unidades linguísticas que se combinam entre si, resultando desta combinação progressivamente unidades mais complexas (Martinet, 1985). Esta concepção da linguagem por unidades isoláveis vai permitir identificar e estudar os diferentes níveis linguísticos susceptíveis de serem afectados na afasia, contribuindo desta forma para clarificar as teorias linguísticas.

A presente investigação centra-se numa análise linguística do discurso afásico ao nível fonológico. Na linguagem podemos delimitar os fonemas, as mais pequenas unidades desprovidas de sentido, mas que, pela sua propriedade distintiva, podem alterar o significado de uma palavra. O nível fonológico refere-se precisamente à codificação e descodificação dos fonemas, enquanto unidades individuais ou combináveis. No discurso afásico ocorrem geralmente erros, as denominadas parafasias, que podem ser fonémicas ou literais, verbais, semânticas ou neológicas (Kirshner, 1995). As parafasias fonémicas relacionam-se com a organização fonológica das palavras produzidas, que pode estar alterada quer por defeitos de articulação verbal quer por defeitos de sequencialização e/ou de selecção de fonemas. Estas parafasias podem ocorrer tanto num contexto de discurso moroso e não-fluente, como num contexto de fluxo rápido e abundante, o que as distingue das

parafasias fonéticas, que normalmente ocorrem num contexto de discurso lento, laborioso e reduzido (Gainotti et alii, 1981). Nas parafasias fonéticas, verifica-se ou uma distorção fonética na articulação, que não permite reconhecer o som produzido como um fonema numa dada língua, ou então uma distorção articulatória mínima. Nas parafasias fonémicas, o que é afectado é precisamente o valor distintivo dos fonemas de uma língua (Blumstein, 1973).

Ao pretender fazer a descrição linguística das parafasias fonémicas, torna-se pertinente considerar critérios como a distância paradigmática (aferir o grau de similitude dos fonemas-alvo e dos fonemas susceptíveis de ocorrer no mesmo contexto para avaliar assim a escolha operada pelo locutor afásico), e a distância sintagmática (aferir o estatuto de contiguidade dos fonemas-alvo e dos que com eles se combinam, dentro da mesma palavra ou frase, avaliando a sua distribuição nos diferentes contextos). Os fonemas são pois definidos em função dos critérios de semelhança e distribuição nos diferentes contextos fonéticos. É a Jakobson, Fant e Halle (1972) que se deve a noção de fonema enquanto um conjunto de traços distintivos simultâneos. Os sons organizam-se em classes que se caracterizam pela partilha de umas quantas propriedades: os traços distintivos. Estes estabelecem a oposição entre palavras evidenciada pelos pares mínimos, unidades que diferem apenas por uma única característica fonética, alterando a sua significação. Os autores propõem então um conjunto de traços distintivos constituído por doze oposições binárias, atendendo essencialmente às características acústicas dos sons. O contributo desta teoria para a análise e descrição linguística está ligada à classificação dos sons em termos acústicos e à definição dos traços enquanto oposições binárias. Mesmo assim a proposta revelou-se insuficiente, tendo mais tarde surgido uma outra, a de Chomsky e Halle, inserida na teoria da gramática generativa, com uma classificação de base articulatória. Estes autores propõem um conjunto universal de vinte e dois traços distintivos, que se apresentam mais adequados à descrição linguística na medida em que permitem dar conta de um maior número de factos. Os traços distintivos adoptados, no presente trabalho, para a classificação das consoantes e vogais seguem a proposta de traços fonológicos adoptados para o Português por Maria Helena Mateus (Delgado Martins, 1988), seleccionados do conjunto de traços universais definidos por Chomsky e Halle.

De acordo ainda com a teoria fonológica, os traços distintivos que agrupam os fonemas organizam-se hierarquicamente. Esta noção introduzida por Jakobson (1969) tem por base o princípio do contraste máximo (*principle of maximal contrast*), que postula a progressão dos sons do simples e indiferenciado para o estratificado e diferenciado, e a lei da implicação (*law of implication*), em que a aquisição (ou dissolução) de um fonema implica primeiro o domínio (ou a perda) de um fonema diferente. Toda a descrição rigorosa confirma que a aquisição dos sons é estável nos seus traços principais, a rapidez desta sucessão é que é variável e individual. Segundo Jakobson, a regressão gradual do sistema fonológico nos afásicos demonstra de forma regular, pelo inverso, a ordem das aquisições fonológicas na criança. No primeiro estágio da linguagem observa-se uma ordem de

sucessão estritamente regida e universalmente válida: a aquisição das constrictivas pressupõe primeiro a aquisição das oclusivas (labiais, dentais e velares, por último). As líquidas /l/ e /r/ são de aquisição mais tardia, no entanto são uma das perdas mais precoces e mais frequentes no afásico. A primeira vogal da linguagem infantil a ser adquirida é uma vogal aberta (/a/), e é também esta que parece prevalecer até à última instância no discurso afásico. Jakobson sustenta haver um princípio do menor esforço (*principe du moindre effort*), em que os primeiros sons adquiridos pela criança são aqueles que requerem o menor esforço fisiológico, sendo também estes os últimos a perderem-se na linguagem do afásico. Se a organização dos fonemas na linguagem é estabelecida de acordo com uma hierarquia, então os tipos de erros vão reflectir também eles uma dada ordem de dificuldade.

Os sistemáticos estudos sobre erros fonológicos, levados a cabo após 1925, apesar de utilizarem diferentes metodologias, obtiveram resultados similares: os erros incluíam substituição de um fonema por outro, adição ou queda de um fonema e/ou sequência imprópria de fonemas. Estes estudos foram igualmente unânimes ao constatar que os erros de substituição ocorriam geralmente entre fonemas similares (pares mínimos). Verifica-se pois uma maior probabilidade de ocorrência de erros de substituição entre fonemas separados por um único traço distintivo. À medida que a distância fonológica aumenta, os erros de substituição tendem a diminuir, o que significa que no eixo sintagmático o grau de contiguidade entre os fonemas influencia a selecção operada. Estas constatações permitem reflectir sobre a implicação que o estudo da afasia tem nas teorias linguísticas e como estas possibilitam a descrição dos erros afásicos.

A investigação fonológica efectuada por Sheila Blumstein (1973) relativamente ao discurso afásico testou precisamente aspectos da teoria linguística e contribuiu com alguns dados para a teoria fonológica. A autora realizou um estudo comparativo entre pacientes com afasia de Broca, afasia de Condução e afasia de Wernicke, propondo-se determinar e caracterizar, de forma sistemática, as categorias significativas de erro dos padrões fonológicos do discurso afásico; explorar as eventuais relações entre os padrões afectados e as diferentes áreas da patologia cerebral; e ainda testar as hipóteses da teoria linguística tendo por base as evidências do estudo afásico. Concluiu então haver uma relativa uniformidade quanto aos tipos e às direcções de erros nos três grupos afásicos. Os erros fonológicos foram classificados de acordo com a seguinte tipologia: (1) substituição – um fonema é substituído por outro, (2) simplificação – perda de um fonema ou sílaba numa palavra, (3) adição – adição de um fonema ou sílaba numa palavra, e (4) contiguidade – um fonema é substituído por outro, influenciado pelos fonemas contíguos ou de palavras vizinhas, através de assimilação regressiva, de assimilação progressiva e de metátese. Em todos os grupos afásicos se verificaram os mesmos padrões distribucionais dos erros-tipo. Ocorreram igualmente em todos eles um maior número de erros de substituição de fonemas por um único traço distintivo. A noção de traço distintivo revelou-se aqui fundamental para explicar a frequência dos diferentes tipos de erro de substituição realizados pelos afásicos. Cada erro-tipo

estava direccionado por princípios comuns: os erros de substituição fonémica e de assimilação afectavam predominantemente uma única consoante do que um grupo silábico, independentemente desta ocorrer num contexto inicial, intermédio ou final; os erros de simplificação reflectiam uma tendência para as estruturas fonológicas e silábicas marcadas [+] passarem a não marcadas [-]; os erros de adição eram geralmente motivados pelo contexto fonológico no qual ocorriam; os erros de assimilação ocorridos na própria palavra e os erros de metátese eram condicionados pelas consoantes contíguas. R. Lecours e F. Lhermitte (1969), no artigo “Phonemic paraphasias” publicado na revista *Cortex*, tinham concluído, de igual modo, que a transformação afásica de um fonema é particularmente sensível ao grau de similitude que encontra nos outros fonemas que ocorrem nos contextos contíguas. Todas estas considerações permitem constatar que o sistema fonológico está pois hierarquicamente organizado, e que esse facto se reflecte nos padrões fonológicos do discurso afásico.

A presente investigação incide num estudo de caso: analisar o discurso de um paciente afásico do ponto de vista das parafasias fonémicas ali ocorrentes. O paciente em questão foi indicado pela terapeuta da fala do Hospital Garcia de Orta, em Almada, por produzir parafasias fonémicas. Solicitou-se autorização ao Conselho de Administração do Hospital, para aceder à gravação do material, pedido que foi deferido.

O paciente afásico em causa, de agora em diante denominado Sr^a C., é um indivíduo do sexo feminino, na faixa etária dos sessenta e oito anos, tendo-lhe sido diagnosticado uma afasia anómica com origem num acidente vascular cerebral (AVC). Esta afasia resulta de uma lesão no hemisfério dominante para a linguagem, podendo ter localizações diversas. O defeito principal deste tipo de afasia é a dificuldade de encontrar os nomes, estando poupadas as restantes capacidades. Os pacientes têm tendência para substituir a palavra que não conseguem dizer, pela palavra “coisa”, ou então optam por descrever a sua função, dando lugar a circunlóquios. A linguagem espontânea é fluente e a compreensão da linguagem oral está relativamente preservada bem como a repetição de palavras. As parafasias ocorrentes são predominantemente verbais (CALDAS, 1979). No entanto, no caso em estudo, estas não foram produzidas pelo paciente em estudo com tanta frequência como as parafasias fonémicas. Segundo a terapeuta da fala, não se verifica nenhum defeito ao nível da articulação. A Sr^a C. é doméstica e possui como habilitações literárias a quarta classe.

Antes de iniciar a sessão, foi pedida autorização à Sr^a C. para proceder à gravação do seu discurso com vista à realização de um trabalho de investigação. Com o seu consentimento, a recolha foi então realizada numa única sessão, com a duração aproximada de trinta minutos. Foram aplicados dois testes, cujo objectivo residia em obter informação suficiente para uma análise quantitativa e qualitativa do discurso afásico. O primeiro teste foi o da análise do discurso proposicional espontâneo, que consistiu em interrogar a Sr^a C. acerca de assuntos da sua vida quotidiana, estímulo ao qual correspondeu da melhor forma. O segundo teste foi o da

denominação de representações gráficas de objectos. O único parâmetro avaliado quer num teste quer noutra foi o da alteração da organização fonológica das palavras, nomeadamente os defeitos de sequencialização e selecção de fonemas (parafasias fonémicas ou literais), por ser o que se afigurava pertinente para a investigação em curso. É notória, no entanto, a discrepância entre os resultados obtidos em ambos os testes: das vinte parafasias fonémicas consideradas, catorze ocorreram no discurso proposicional espontâneo enquanto as restantes seis na denominação de representações gráficas. Esta constatação requer uma análise e avaliação minuciosas dos testes aplicados que só uma investigação futura poderá dar conta, não se enquadrando tal nos objectivos aqui delineados. Quanto à ocorrência de variáveis, como a inibição perante o gravador, esta não se verificou, sendo o discurso da Sr^a C. satisfatório em termos quantitativos.

O procedimento seguinte consistiu na audição da gravação efectuada e na sua transcrição (Anexo 1), olhando-se apenas pela transcrição fonética dos erros fonológicos de acordo com o Alfabeto Fonético Internacional. Para efeitos de descrição e análise, foram eliminados os erros cujo contexto não permitia identificar a palavra em causa (e.g. /lɛjdɑr/). A selecção dos erros efectuada contemplou os dois testes aplicados à Sr^a C., uma vez que o objectivo era aferir a alteração fonológica das palavras, tendo sido identificadas vinte parafasias fonémicas. Estas foram distribuídas por quatro categorias de erro, com base na literatura consultada:

(A) Substituição fonémica, ou seja, sempre que se verifica a substituição de um fonema por outro. As parafasias ocorrentes com este tipo de erro são as seguintes:

- | | |
|----------------------|------------------------------|
| 1. /ʒẽtar/ → /dẽtar/ | 4. /flor/ → /pərlor/ |
| 2. /esĩ/ → /etĩ/ | 5. /garfu/ → /karfu/ |
| 3. /fɛʃtɐ/ → /pɛʃtɐ/ | 6. /tələvizor/ → /tələvɐzor/ |

(B) Simplificação, isto é, sempre que ocorre a perda de um fonema ou sílaba numa palavra, como nos casos abaixo transcritos:

- | | |
|---------------------|-------------------------|
| 7. /ursu/ → /usu/ | 9. /dɔrmə/ → /dɔmə/ |
| 8. /tratu/ → /tatu/ | 10. /səzĩbrɐ/ → /sĩbrɐ/ |

(C) Adição de um fonema ou sílaba numa palavra, nomeadamente em:

11. /ʃukulatə/ → /ɐʃukulatə/
/flor/ → /pərlor/¹

¹ Nesta parafasia ocorre simultaneamente uma substituição fonémica e uma adição de fonema;

(D) Contiguidade na medida em que as substituições fonémicas são originadas pelos fonemas contíguos dentro da fronteira de palavra ou fora dela. Esta categoria reúne entre os tipos de erro, a assimilação progressiva, quando se verifica a contaminação por parte de um fonema já ocorrido:

12. /malaberte/ → /malamerte/

13. /dojftumatəʃ/ → /dojfdumatəʃ/

14. /mɛʃdɛliɛpoku/ → /mɛʃdɛliɛmoku/

15. /asɛprəkʃuzɛr/ → /asɛprəkʃuzɛr/

Se um dado fonema se antecipa, a assimilação é regressiva:

16. /ʃuzɛrumɛmalkɛ/ → /mɛzɛrumɛmalkɛ/

17. /lidɛ/ → /didɛ/ 18. /fatuf/ → /ʃatuf/

Quando a ordem dos fonemas é invertida como nas sequências abaixo transcritas, o tipo de erro designa-se por metátese:

19. /dətərʒɛtəʃ/ → /dɛrtəʒɛtəʃ/ 20. /ʃɛmɛsə/ → /sɛmɛʃə/

A categoria de erro onde se regista o maior número de ocorrências é a da substituição fonémica (seis ocorrências), logo seguida da simplificação e da assimilação progressiva (cada uma com quatro ocorrências), da assimilação regressiva (três ocorrências), da metátese (com duas ocorrências) e da adição (também com duas), como se pode observar no seguinte quadro:

Quadro 1 – Distribuição percentual de erros-tipo	
Substituição fonémica	30 %
Simplificação	20 %
Assimilação progressiva	20 %
Assimilação regressiva	15 %
Metátese	10 %
Adição	10 % ²

A primeira parafasia ocorrente, /ʒɛtar/ → /dɛtar/ (“jantar”), contempla a substituição do fonema /ʒ/ pelo fonema /d/ em posição inicial de palavra. Estes diferem quanto ao modo de articulação, /d/ é [- contínuo] enquanto que /ʒ/ é [+ contínuo], e quanto ao ponto ou zona de articulação, /d/ é [+ anterior] enquanto que /ʒ/ é [- anterior]. O traço distintivo [contínuo] diz respeito à passagem do ar pela cavidade oral, ao “espaço” de passagem e às diversas constricções ou oclusões a essa passagem do ar. Quando o traço é [+ contínuo] os sons são produzidos sem interrupção à passagem do ar (caso das consoantes oclusivas), quando é [- contínuo]

² Há uma parafasia fonémica que engloba dois erros.

verifica-se uma interrupção à passagem do ar (caso das consoantes constrictivas). O traço [anterior] refere-se aos sons que são produzidos com uma obstrução localizada à frente da região palato-alveolar da boca ou aos que são produzidos sem constrictões atrás dessa região, consoante apresentem respectivamente o traço [+] ou [-]. A ocorrência do fonema /t/ na mesma sequência poderia ter influenciado na escolha do /d/, uma vez que ambos partilham dos mesmos traços, à excepção do traço [sonoro]. Uma hipótese seria a de se tratar de uma assimilação regressiva incompleta. No entanto, esta substituição fonémica não é regular pois a mesma sequência é de novo produzida no discurso sem que a parafasia seja originada.

Na segunda parafasia, /v s ã/ → /v t ã/ (“assim”) opta-se por /t/ em função de /s/ em posição intervocálica. Os fonemas em questão diferem pelo traço distintivo [contínuo]. No seguimento da parafasia fonémica anterior, há de novo a preferência por um fonema [- contínuo] – /t/ – relativamente a um fonema [+ contínuo] – /s/. Também esta substituição não é regular pois a sequência volta a ocorrer no discurso da Sr^a C. produzida correctamente.

Nas duas alterações fonológicas seguintes, /f ɛ ʃ t v/ → /p ɛ ʃ t v/ (“festa”) e /f l o r/ → /p ə r l o r/ (“flor”), a substituição contempla os mesmos fonemas: /p/ em detrimento de /f/. Mais uma vez se constata que a escolha de um traço [- contínuo] prevalece sobre a de um traço [+ contínuo], neste caso /p/ e /f/, respectivamente. Ambas as parafasias ocorrem em posição inicial de palavra. Relativamente à regularidade com que ocorrem, apenas a primeira volta a ser produzida no discurso, desta vez correctamente, mas como repetição após a terapeuta a ter pronunciado. No entanto, a Sr^a C. produz outras sequências iniciadas pelo mesmo fonema e a parafasia não se verifica.

A substituição fonémica /g a r f u/ → /k a r f u/ (“garfo”) apenas altera o traço [sonoro] dos fonemas, em que o traço [+ sonoro] é substituído pelo [- sonoro]. Este traço implica a vibração das cordas vocais. O som produzido /k/ caracterizou-se por um afastamento das cordas vocais, não permitindo a vibração quando o fluxo de ar passou por elas. No contexto em que esta sequência ocorre, a palavra “colher” é referida e está na mente da Sr^a C. enquanto selecciona o termo para designar os objectos que vê representados. Como esta palavra (“colher”) se inicia pelo fonema /k/, poderia estar a influenciar a escolha operada em “garfo”, tanto mais que os dois fonemas se assemelham em todos os traços, à excepção de um, o [sonoro]. Esta parafasia é produzida duas vezes neste contexto.

Na sequência /t ə l ə v i z o r/ → /t ə l ə v ɐ z o r/ (“televisor”) verifica-se uma alteração fonológica ao nível vocálico, em que o fonema /i/ é substituído pelo fonema /ɐ/. A vogal seleccionada difere da correcta por ser [+ recuada] e [- alta]. De acordo com estes traços distintivos, esta caracteriza-se por um recuo do corpo da língua e por produzir o som sem alterar a posição neutra do corpo da língua. Desta forma, mantém o traço [+ recuado] comum às outras vogais ocorrentes na mesma sequência – /ə/ e /o/ –, o que poderia explicar a parafasia efectuada.

Relativamente à categoria de erro designada por simplificação, parece haver alguma regularidade na medida em que, das quatro ocorrências, três delas se

caracterizam pela supressão do fonema /r/, como se pode comprovar em /u r s u / → / u s u / (“urso”); / t r a t u / → / t a t u / (“trato”) e / d o r m e / → / d o m e / (“dorme”). Estas parafasias ocorrem numa posição [V – C] e [C – V], formando um grupo consonântico. A tendência que se verifica é a de simplificar a complexidade de articulação da sequência por supressão do fonema que exige mais esforço articulatorio. O fonema em causa é uma consoante constrictiva [+ contínua] quanto ao modo de articulação, tendo os traços [+ soante] e [- lateral]. Quanto ao ponto de articulação é [+ anterior] e [+ coronal]. O traço [soante] remete para o comportamento básico de abertura e fechamento do tracto vocálico, nomeadamente a possibilidade de haver vozeamento espontâneo, [+ soante], ou não, [- soante]. O traço distintivo [- lateral] caracteriza os sons que são produzidos sem que haja abaixamento da parte central da língua ou de um dos lados, não permitindo que o ar passe pelo lado dos dentes. Este fonema é tido como um dos últimos a ser adquirido no sistema fonológico e um dos primeiros a desaparecer no discurso afásico, como parecem evidenciar as parafasias produzidas pela Sr^a C.

A parafasia fonémica em que ocorre perturbação da estrutura silábica por supressão é / s ə z i b r e / → / s i b r e / (“Sesimbra”). A Sr^a C. repete três vezes esta sequência no seu discurso, mas omite sempre parte da estrutura silábica em questão. Os fonemas que parecem estar em causa são o /s/ e o /z/. Estes partilham de quase todos os traços diferindo apenas quanto ao papel das cordas vocais, ou seja, no traço [sonoro] pois /s/ é [- sonoro] e /z/ é [+ sonoro].

Os fenómenos de adição envolvem o acrescentamento do fonema /v/ e do fonema /r/, como nos casos de / ʃ u k u l a t ə / → / v ʃ u k u l a t ə / (“chocolate”) e / f l o r / → / p ə r l o r / (“flor”). Quanto à primeira parafasia, o fonema /v/ caracteriza-se por ser [- alto], [- baixo] e [- arredondado], opondo-se nestes traços ao fonema /w/, [+ alto] e [+ arredondado], que é o fonema vocálico mais contíguo, que precede o fonema-alvo – fora da sequência – e lhe sucede – dentro da sequência, e que por esse motivo poderia influenciar o acrescentamento de /v/, funcionando este como um fonema portador de contraste para diferenciar fonemas iguais – /w/.

Na segunda parafasia fonémica, o fonema /r/ surge numa posição intermédia, posição em que também ocorria enquanto fenómeno de simplificação. Neste caso parece haver uma antecipação do /r/, pois este ocorre em posição final de palavra, o que origina a sua adição extra na sequência. O facto de surgir contíguo ao fonema /l/ pode estar relacionado com as características que detêm em comum: ambos partilham os mesmos traços, à excepção de um único, o [lateral]. Esta semelhança poderá estar na origem da parafasia em questão.

As assimilações progressivas, uma das categorias de erro incluídas na contiguidade, dizem respeito às substituições fonémicas que ocorrem no discurso da Sr^a C. com origem nos fonemas das palavras contíguas, como nas sequências transcritas: / m a l a b e r t e / → / m a l a m e r t e / (“mala aberta”); / d o j ʃ t u m a t ə ʃ / → / d o j ʃ d u m a t ə ʃ / (“dois tomates”); / m e ʃ d e l i e p o k u / → / m e ʃ d e l i e m o k u / (“mas dali a pouco”) e / a s ẽ p r æ k f e z e r / → / a s ẽ p r æ k s e z

e r / (“há sempre que fazer”). Na primeira parafasia, o fonema /b/ foi substituído pelo fonema /m/, que o precede e desta forma o influencia, uma vez que naquela sequência são os únicos sons que se distinguem apenas por um só traço, o [nasal]. Na substituição operada verifica-se a selecção de um traço [+ nasal] em detrimento de um traço [- nasal].

A segunda parafasia ocorrente dá conta da substituição do fonema /t/ mais contíguo (e não do mais afastado) ao fonema /d/, que origina a alteração. Igualmente neste caso o fonema seleccionado que opera a assimilação difere do correcto por apenas um único traço distintivo [sonoro]. O traço [+ sonoro] substitui assim o traço [- sonoro].

Na terceira parafasia o fonema /m/ volta a interferir na sequência, apesar de se registar uma distância fonológica maior entre este e aquele que é influenciado, o fonema /p/. Talvez seja esse o motivo que justifique a diferenciação entre eles por dois traços distintivos, e não apenas por um como sucedia anteriormente. Os traços distintivos em questão são o [nasal] e o [sonoro]. Mais uma vez a opção efectuada prende-se com a alteração de um traço [- nasal] e [- sonoro] para um [+ nasal] e [+ sonoro].

Nesta última parafasia, respeitante a esta categoria de erro, verifica-se a alteração do fonema /f/ por um fonema /s/. Esta selecção não parece ser aleatória uma vez que estes dois fonemas são os que mais traços têm em comum nesta mesma sequência, apenas diferindo quanto ao ponto ou zona de articulação: o fonema /f/ é [- coronal] enquanto que o fonema /s/ é [+ coronal]. De novo é dada preferência a um traço [+] relativamente a um traço [-].

As assimilações regressivas, outra das categorias de erro incluídas na contiguidade, caracterizam-se pela antecipação de um dado fonema numa dada sequência. No discurso em análise ocorrem três destes tipos de erro: / f e z e r u m e m a l a / → / m e z e r u m e m a l a / (“fazer uma malha”); / l i d e / → / d i d e / (“lida”) e / f a t u s / → / s a t u s / (“fatos”). No que diz respeito à primeira situação, o fonema /f/ é assimilado pelo fonema /m/ que ocorre posteriormente na sequência. A distância fonológica é significativa o que poderá implicar a diferenciação por um maior número de traços distintivos entre estes dois fonemas: [nasal], [sonoro] e [contínuo]. O fonema /f/, que supostamente deveria ocorrer na sequência com os traços [- nasal], [- sonoro] e [+ contínuo], é influenciado pelo fonema /m/, que lhe sucede, adquirindo os traços [+ nasal], [+ sonoro] e [- contínuo].

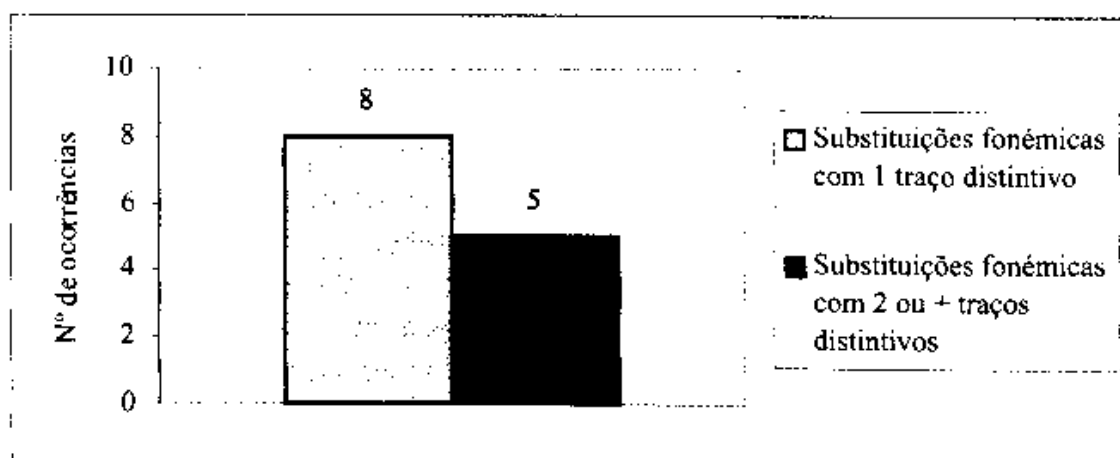
Na segunda parafasia observa-se igualmente a acção que um fonema, neste caso /d/, opera sobre outro fonema, /l/. Este caracterizado como [+ contínuo] passa a [- contínuo]. Ambos se distinguem pois quanto ao modo como são articulados, isto é, a consoante que deveria ocorrer como fricativa -/l/- vai tornar-se uma consoante oclusiva -/d/.

Por último, regista-se a substituição do fonema /f/ pelo fonema /s/. Os traços distintivos destes dois fonemas estão relacionados com o ponto ou zona de articulação, nomeadamente o traço [anterior] e o traço [coronal], sendo as duas únicas fricativas que ocorrem por oposição ao fonema /t/, que é uma consoante oclusiva,

logo apresentando traços mais díspares relativamente aos outros dois. Enquanto que o fonema /f/ se caracteriza por ser [+ anterior] e [- coronal], o fonema /ʃ/ apresenta os traços [- anterior] e [+ coronal]. São estes últimos que são assimilados dando origem à parafasia em causa.

A última das categorias de erro a descrever incluída na contiguidade é a metátese, que apesar de apresentar apenas duas sequências alteradas: /d ə t ə r ʒ ẽ t ə ʃ/ → /d ə r t ə ʒ ẽ t ə ʃ/ (“detergentes”) e /ʃ ɐ m ɐ s ə/ → /s ɐ m ɐ ʃ ə/ (“chama-se”), não deixa de ser relevante. No primeiro caso foi invertida a ordem do fonema /r/, enquanto que no segundo caso os fonemas /s/ e /ʃ/ foram trocados na sua ordem natural, tendo um ocupado o lugar do outro e vice-versa. O fonema /r/ posicionou-se antes do fonema /t/, que ocorre em primeiro lugar na sequência, e depois do fonema /ə/. Aferindo os traços distintivos de uma e outra consoante, registam-se poucas semelhanças, a não ser o ponto ou zona de articulação que é [+ anterior] e [+ coronal]. Relativamente ao fonema /ə/, é de salientar que este ocorre igualmente a preceder o fonema /r/ na sequência correcta. Parece pois que o fonema /r/ foi antecipado, tendo-se posicionado logo após a primeira ocorrência de /ə/, originando a parafasia. No segundo caso, a inversão está relacionada com a comutação do traço distintivo [anterior]. Inicialmente foi produzida a consoante [+ anterior] quando deveria ocorrer a consoante [- anterior] e vice-versa. Esta sequência é repetida na frase, registando-se sempre a inversão do traço distintivo.

A primeira ilação a tirar diz respeito às substituições fonémicas pois esta é a categoria de erro que regista um maior número de ocorrências (vide **Quadro 1**). Incluem-se aqui as assimilações quer progressivas quer regressivas pois também envolvem este fenómeno. Verificam-se mais ocorrências de substituições entre fonemas que se distinguem por apenas um traço distintivo do que entre aqueles que se distinguem por dois ou mais traços, como se pode observar no gráfico elaborado:



No seguimento da constatação anterior, surge uma outra que remete para os traços distintivos mais susceptíveis de serem alterados (vide **Quadro 2**):

Quadro 2 – Traços distintivos mais perturbados		
Modo de articulação	traço [contínuo]	31.3 %
Papel das cordas vocais	traço [sonoro]	25 %
Papel das cavidades bucal e nasal	traço [nasal]	18.7 %
Ponto ou zona de articulação	traço [anterior]	12.5 %
	traço [coronal]	12.5 %

De acordo com o quadro, o modo de articulação e o papel das cordas vocais parecem ter sido preponderantes na alteração dos traços distintivos, respectivamente nos traços [contínuo] e [sonoro]. Observa-se igualmente que o traço [+ contínuo] é sempre substituído pelo [- contínuo], que o [- sonoro] altera na maioria das vezes para [+ sonoro], que o [- nasal] e [- coronal] passam a [+ nasal] e [+ coronal]. De entre todos os fonemas-alvo que operaram substituições – /d/, /t/, /p/, /k/, /e/, /m/, /s/ e /ʃ/ –, os que ocorreram com maior frequência foram os fonemas /d/, /m/ e /p/, o que requer uma análise atenta dos seus traços distintivos:

- /d/: [+ anterior], [+ coronal], [+ sonoro] e [- nasal]
- /m/: [+ anterior], [- coronal], [+ sonoro] e [+ nasal]
- /p/: [+ anterior], [- coronal], [- sonoro] e [- nasal]

Estes traços distinguem estas consoantes como [- contínuas] o que confirma a prevalência do traço [contínuo] nas substituições fonémicas. Comparando com os outros fonemas apenas dois apresentam o traço [+ contínuo]: /s/ e /ʃ/. Este traço distingue as consoantes oclusivas e as africadas das consoantes fricativas, laterais e vibrantes. Na amostra recolhida há uma preferência pela produção de fonemas com traço [- contínuo]. De modo a confirmar este dado, é necessário aferir este traço nos fonemas que foram sujeitos a substituição, nomeadamente /ʒ/, /s/, /ʃ/, /g/, /i/, /b/, /t/, /p/ e /l/. Os fonemas /g/, /b/, /t/, /p/ agrupam-se no traço [- contínuo] enquanto que /ʒ/, /s/, /l/ e /ʃ/ são [+ contínuos]. No entanto, verificou-se que este último fonema – /ʃ/ – foi o que suscitou mais substituições (cinco ocorrências), por esse motivo torna-se necessário discriminar os seus traços distintivos:

- /ʃ/: [- soante], [+ anterior], [- coronal], [- sonoro] e [- lateral]

Dos traços que caracterizam este fonema, destacam-se os que foram submetidos a alterações [+ sonoro], [- coronal] e, em suma, o traço [contínuo] que suporta as suposições atrás delineadas. Numa perspectiva geral, é o traço [+ contínuo] aquele que mais perturbações origina nas sequências produzidas pela Sr^a C., e é esse traço que o fonema /ʃ/ comporta enquanto fonema mais sujeito às substituições fonémicas.

Torna-se igualmente pertinente averiguar a posição e contexto fonético em que as parafasias ocorrem. Numa tentativa de cruzar os dados, foi elaborado o seguinte quadro contendo a distribuição das mesmas:

Quadro 3 – Distribuição dos contextos fonéticos		
Posição inicial de palavra	#_	12 ocorrências
Posição intermédia	V_C	4 ³ ocorrências
	C_V	2 ocorrências
	V_V	2 ocorrências
	C_C	1 ocorrência
Posição final de palavra	_#	0 ocorrências

É evidente a maior produção de parafasias na posição inicial de palavra. De salientar ainda que os erros de simplificação de fonemas seguem a tendência para ocorrer num grupo consonântico, sendo que no *corpus* em estudo foi eliminado o fonema /r/ caracterizado por uma maior complexidade, como tentativa de simplificação de duas consoantes contíguas.

Relativamente aos erros de adição, e uma vez que constituem a categoria de erros mais pequena, constata-se que são motivados pelo contexto fonológico particular em que ocorrem, tratando-se pois de erros específicos, não sendo possível formular uma generalização.

Os erros de assimilação tendem a ocorrer em sequências contendo o maior número de contrastes. Observa-se nestas uma maior distância fonológica entre o fonema assimilado e aquele que o origina, resultando na alteração de um maior número de traços entre os fonemas. Ao invés, sempre que a assimilação ocorre na própria palavra e entre fonemas contíguas, apenas um único traço distintivo é substituído. Estas constatações permitem inferir que à medida que a distância fonológica aumenta, aumenta igualmente a probabilidade dos fonemas diferirem por um maior número de traços. Tal formulação remete para a existência de um grau de similitude e de contiguidade entre os fonemas, o que vai condicionar as suas relações. Tendo em conta este pressuposto, as conclusões avançadas por Blumstein (1973) e por A. Lecours e Lhermitte (1969) são validadas neste estudo de caso, pois, tal como nas investigações anteriores levadas a cabo por estes autores, se constatou haver uma tendência para (1) as substituições fonémicas ocorrerem preferencialmente entre fonemas diferenciados por um único traço distintivo, ou seja, quanto maior for o grau de semelhança entre os fonemas, maior probabilidade há para se originar a parafasia; (2) o traço [contínuo] ser o mais susceptível de alteração nas substituições fonémicas alterando de [+] para [-]; (3) o fonema /f/ ser

³ Há uma parafasia fonémica que engloba dois erros.

preferencialmente atingido destacando-se com o maior número de ocorrências nas parafasias; (4) ocorrerem mais parafasias na posição inicial de palavra; (5) os erros de adição serem específicos e motivados pelo contexto fonológico particular em que ocorrem e (6) quanto maior for a distância fonológica entre fonemas, maior será o número de traços pelos quais estes diferem.

Os erros ocorrentes no *corpus* analisado reflectem igualmente a hierarquização de traços propostos por Jakobson. Como se verificou, o traço [+ contínuo] era o que suscitava mais parafasias. Este traço distingue os segmentos consonânticos em dois grandes grupos: as consoantes [+ contínuas] e as consoantes [- contínuas]. As primeiras identificam-se com as consoantes fricativas, laterais e vibrantes, precisamente aquelas que são submetidas a perturbações no discurso da Sr^a C., sendo respectivamente os fonemas /f/ e /ʒ/, /l/ e /r/. As segundas englobam as consoantes oclusivas que, de um modo geral, tendem a substituir as anteriores, como é o caso dos fonemas /d/, /m/ e /p/. Segundo a organização fonológica traçada por Jakobson, as consoantes constrictivas pressupõem primeiro a aquisição das oclusivas, sem as quais não podem existir. Assim sendo, os fonemas cuja aquisição é efectuada mais tardiamente são os primeiros a serem suprimidos ou substituídos no discurso do afásico.

Sem querer generalizar as conclusões aqui obtidas, uma vez que a investigação incidiu num estudo de caso, parece, contudo, pertinente afirmar que as perturbações observadas no discurso afásico seguem determinadas tendências fonológicas, que podem encontrar explicação nas teorias linguísticas de aquisição e produção da linguagem.

Referências bibliográficas:

- BLUMSTEIN, Sheila (1973) *A Phonological Investigation of Aphasic Speech*, Paris, Mouton
- CALDAS, Alexandre Castro (1979) *Diagnóstico e evolução das afasias de causa vascular*, Tese de doutoramento em Medicina, Lisboa
- DELGADO MARTINS, M. R. (1988) *Ouvir Falar. Introdução à Fonética do Português*, Lisboa, Caminho
- GAINOTTI, G. et alii (1981) "The relationship between type of naming errors and semantic-lexical discrimination in aphasic patients", *Cortex*, 7, pp 401-410
- JAKOBSON, Roman, (1969), *Langage enfantin et Aphasie*, Les Éditions de Minuit
- JAKOBSON, R., FANT, C., HALLE M. (1972) *Preliminaries to Speech Analysis*, The MIT Press
- KIRSHNER, H. (1995) *Handbook of Neurological Speech and Language Disorders*, Marcel Dekker Inc., pp 8-9, 44-47
- LECOURS, A. R., LHERMITTE, F. (1969) "Phonemic paraphasias: linguistic structures and tentative hypotheses", *Cortex*, 5, pp 193-228
- MARTINET, André (1985) *Elementos de Linguística Geral*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 10^a edição

Anexo 1

Transcrição da consulta da Sr^a C. realizada no dia 25/01/02

T – O que é que fez ontem à tarde, depois de ir embora aqui do hospital?

C – Ah... Olha... não... fiz muito mais nada... fiz... café... Pus o almoço ao lume e... depois fui passar a ferro... e o /d ã t a r/ e... aquela /d i d e/ da casa... depois...

T – Então e ontem, estava-nos a dizer que ía ao supermercado. O que é que comprou lá no supermercado?

C – Pois... fui ao supermercado... comprei /d ə r t ə ʒ ẽ t ə ʃ/... que de um e doutro... que precisava... e... várias coisas como... café... açúcar e... (pausa longa) olha... gastei uma bornada de dinheiro... agora já não te... me lembro quanto... não... me lembra /e t ɪ/ de mais nada...

T – Então, sempre comprou o chouriço que queria comprar?

C – Não comprei, por não havia... não havia... comprei uns queijos... comprei um /e ʃ u k u l a t ə/ para quando as meninas lá forem à minha casa...

T – As meninas são as suas netas?

C – As minhas netas... comprei...

T – Quantas netas é que a senhora tem?

C – Duas.

T – E como é que elas se chamam?

C – Uma... /s ɐ m ɐ ʃ ə/ Francisca... e outra /s ɐ m ɐ ʃ ə/ Matilde...

T – Então e hoje as suas netas vão lá a casa?

C – Só vão amanhã.

T – Pois amanhã é que é fim-de-semana!

C – Não pode ser... não... hoje ainda há escola... e quanto a... quanto a eles... irem lá... vão a um... a um... a um bar... /p ɛ ʃ t ɐ / de anos que é uma menina que é amiga delas, que mora ali para o lado de /s ɪ b r ə/

T – Mora perto de si a amiga delas?

C – Não... mora perto de /s ɪ b r ə/... /s ɪ b r ə/... e... vêm da parte da tarde, almoçam em minha casa e vão jantar em casa dos amigos e...

T – ... vão para a festa.

C – ... vão para a festa... E é assim...

T – A dona C. já fez o almoço para hoje?

C – Não... não...

T – Ou quando for daqui é que vai fazer o almoço? E já sabe o que vai fazer?

C – Vou fazer... (sequência incompreensível) com certeza... comprei ervilh... bananas... muita coisa... vou fazer sopa e... e naturalmente talvez um ovo... lá dou uma coisa qualquer... assim na al... altura... porque como ontem fiz sopa... assim como um resto e... vou... aproveitar...

T – Então a que horas é que saiu hoje de casa? Estava-me a dizer que hoje saiu cedo?

C – Ai, ai, não me diga nada... às sete da manhã... mas... foi um tempo útil... porque saí da Cruz de Pau... às sete horas, viemos que ainda tivemos ali em baixo ao pé da camionetezinha... e depois viemos com todo o tempo... mas... temos...

T – Ainda apanharam fila ali em baixo?

C – Não.

T – Hoje não apanharam?

C – Bem, /m e ʃ d v l i v m o k u/... a pouco... em menos de nada isto estava uma fila enorme... e fizemos bem... pronto, olha já que era mais meia-hora ou meia-hora na cama... mas dá-me mais... viemos embora, gastámos vinte minutos e ontem gastámos quase uma hora... não... uma hora e quarenta e cinco minutos, em sendo na hora de... de ponta... pronto... não dá... não dá e como hoje tinha que ter mais cedo... eu ... oh... desde as cinco horas que nunca mais... tinha o relógio para despertar mas não despertou.

T – Não foi preciso?

C – Não, não...

T – Levantou-se antes da hora?

C – Quem tem cuidados, não /d o m ə/

T – Pois é.

Teste por nomeação de representações gráficas de objectos

T – O que é que é isto?

C – É uma bola. (1)

T – E aqui?

C – Uma /p ə r l o r/ (2)

T – E este?

C – Um banco... um banco (3)

T – E aqui?

C – Uma menina... ou uma boneca. (4)

T – E neste?

C – Uma mesa (5)

T – E aqui?

C – Um pente (6)

T – E aqui?

C – Um relógio (7)

C – Umas chaves (8)

C – Um lápis (9)

T – E este?

C – Uns óculos. (10)

T – E aqui?

C – Um telefone (11)

C – Uma /m a l a m e r t v/ (12)

T – Ou um porta...

- C – ... porta-chaves
 T – porta-moedas. Aqui?
 C – Torradeira... a sair as torradas (13)
 C – Um ferro eléctrico (14)
 T – E este?
 C – Um candeeiro (15)
 T – E aqui?
 C – Um /t ə l ə v e z o r/ (16)
 T – E este?
 C – Um dado (17)
 T – E aqui?
 C – Um bocado de queijo (18)
 T – E aqui?
 C – Dum... dois pares de meias (19)
 T – E isto?
 C – Duas luvas (20)
 T – E isto?
 C – Duas sandálias (21)
 C – Umas calças (22)
 C – Uma camisa (23)
 T – Aqui?
 C – Um chapéu (24)
 T – E este?
 C – /d o j Ń d u m a t ə Ń/ (25)
 C – Dois... um pente (26)
 T – E aqui?
 C – Um vestidinho (27)
 T – E este?
 C – Um cesto (28)
 T – E aqui?
 C – Uma vela (29)
 T – E aqui?
 C – Uma caneca (30)
 T – Então e neste?
 C – Um... (pausa longa)
 T – Aqui como é que se chama este?
 C – Um ta... talher (31)
 T – E este, só este?
 C – /k a r f u/
 T – E aqui?
 C – /k/... faca... e aqui a colher.
 T – Aqui é?
 C – (pausa longa) Faca... faca e /k a r f u/ e colher e a faca.

- T – E aqui?
 C – A tesoura (32)
 C – A camioneta (33)
 T – E aqui?
 C – (pausa longa) Não... não... (pausa longa) as torradas... as torradas...
 T – Ou o... Este pão, acha que este pão está torrado?
 C – Não
 T – Então é só...
 C – Pão (34)
 C – Tacho (35)
 C – Tigela (36)
 T – E aqui?
 C – Cadeira (37)
 C – Dois cop... um copo com duas palhinhas (38)
 T – E este?
 C – Um /u s u/ (39)... eu gosto muito
 T – Muito bem. E agora a dona C. vai já para casa?
 C – Anteontem... Sim... hoje... hoje vou já para casa.
 T – Vai tratar do almoço?
 C – Vou tratar do almoço, não tenho muito que fazer... olha até deix... deixei a cama feita e quando 'tá... ta, capaz de /l v j d a r/... eu deito... o meu marido é que não se levantava tão cedo...
 T – Queria ficar a dormir mais um bocadinho?
 C – Eu é que não deixei... E pronto e /a s ã p r ə k s v z e r/ em casa... há sempre que fazer em casa... mesmo agora mesmo como não ficou mal da cabeça... eu ontem disse... olha mandas para cá os /ʃ a t u ʃ/ do teu marido e eu /t a t u/ de fazer como fazia sempre...
 T – Disse para a sua filha?
 C – Pois para a minha filha... Não estou parada um minuto... pareço que tenho assim um medo de voltar... e então... como não posso fazer malha... que 'tou a /m v z e r u m v m a ʎ v/... que é uma malha mais complicada... não dou feita...
 T – Está bom. Então acabou, até terça-feira.
 C – Muito obrigada.